

## CONFERÊNCIA A ESCOLA DE CHICAGO

Howard Becker\*

Em 24 de abril de 1990, durante sua última visita ao Brasil, Howard Becker pronunciou, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional, UFRJ), uma conferência sobre a história da Escola de Chicago de sociologia. Tendo permanecido inédita, é esta conferência que *Mana* tem o prazer de publicar agora. Howard Becker é professor de Sociologia da Universidade de Washington, Seattle, EUA, e autor de extensa e influente obra. Dentre seus inúmeros livros destacam-se: *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance* (1973) e *Art Worlds* (1982). Em português, foram publicados: *Uma Teoria da Ação Coletiva* (1977) e *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (1993).

Falarei hoje a respeito da Escola de Chicago, mais conhecida por seu nome do que pelo conteúdo do que efetivamente fez. Mas, quero abordar este tema como uma pequena história dentro de uma história mais ampla da sociologia. Geralmente conta-se a história da sociologia como a história das grandes idéias sobre a sociedade e das grandes teorias a respeito da sociedade. Quando estudei esse assunto, ainda na universidade, meu professor, Louis Wirth, começava por Heráclito e Tucídides, ou seja, pelos antigos gregos. Outros, mais modestos, começavam por Maquiavel ou mesmo Khaldun. No entanto, esse é um tipo de apropriação do

passado que não tem muito a ver com a realidade. Poderíamos apenas dizer, desse ponto de vista, que a história da sociologia, como história das idéias e teorias, começou, talvez, em algum momento do século XIX. Nomes como os de Durkheim, Marx, Weber e outros são, de fato, nomes do século XX e do final do XIX.

Há, contudo, pelo menos duas outras histórias da sociologia que precisam ser contadas, o que deve ocorrer simultaneamente com a história das idéias. Uma delas é a história da prática da sociologia, dos métodos de pesquisa e das pesquisas realizadas, porque não se deve tomar como óbvio que as idéias foram as forças motrizes ou a principal realização de qualquer escola sociológica. De um determinado ponto de vista, que defendo com firmeza, a história da sociologia não é a história da grande teoria, mas a dos grandes trabalhos de pesquisa, dos grandes estudos sobre a sociedade. A terceira história da sociologia é a das instituições e organizações, dos locais onde o trabalho sociológico foi realizado, porque nenhuma idéia existe por si mesma, em um vácuo; as idéias só existem porque são levadas adiante por pessoas que trabalham em organizações que perpetuam essas idéias e as mantêm vivas.

Começarei pela história das organizações. A Universidade de Chicago foi fundada em 1895 a partir de uma grande doação feita por John D. Rockefel-

ler, o milionário americano que fez fortuna na indústria do petróleo ao fundar a Standard Oil. Ele devia ter a consciência pesada e em determinado momento da vida quis fazer alguma coisa com seu dinheiro. Uma das coisas que fez foi beneficiar a Universidade de Chicago com uma enorme doação. A Universidade começou com um pequeno número de professores. Um deles, Albion Small, havia sido diretor de uma pequena faculdade do estado do Maine. Small foi o primeiro professor de sociologia e chefe do primeiro Departamento de Sociologia dos Estados Unidos. Outras pessoas já haviam dado aulas sobre esse assunto, principalmente William Graham Sumner, cujo livro *Folkways* é comparável aos grandes clássicos de nossas disciplinas. Small criou um Departamento de Sociologia com a intenção de formar alunos segundo o modelo alemão, produzindo doutores e criando um grupo de professores que saísse pelos Estados Unidos ensinando essa ciência. Ele não só fundou o primeiro departamento como a primeira revista de sociologia dos Estados Unidos, a *American Journal of Sociology* – que começou a ser editada logo no início do século e existe até hoje, sendo publicada seis vezes por ano. A *American Journal of Sociology* é uma das duas ou três maiores revistas dos Estados Unidos, provavelmente do mundo, na publicação de idéias e pesquisas sociológicas.

Small, como muitos dos primeiros sociólogos americanos, era pastor protestante, do tipo interessado na reforma social, voltado para o equacionamento dos problemas sociais que afligiam as grandes cidades americanas. Seu pensamento, assim como o de outras pessoas que trabalhavam com ele, e o de estudantes que foram para Chicago – muitos deles pastores de uma ou outra

confissão protestante –, foi muito influenciado pela idéia que tinham do que precisava ser feito, dos problemas com os quais a sociedade se defrontava, do que teria de ser enfrentado. Os grandes desafios dos Estados Unidos naquela época eram a pobreza – ainda hoje o principal deles – e a imigração – até o presente considerada um grande problema. Havia, ainda, outros que se tornaram menos relevantes. Toda a questão da eugenia, por exemplo: impedir pessoas física e mentalmente incapacitadas de se reproduzirem. Este era um assunto relevante naquele tempo, ainda que atualmente só escutemos falar um pouco sobre isso na ciência da sociobiologia, se é que esta pode ser considerada uma ciência.

Small reuniu ao seu redor um grupo de pessoas e elas começaram não só a ensinar sociologia como a editar a *American Journal of Sociology* e a fazer pesquisa – quase sempre na cidade de Chicago. Ao produzir a revista, eles tornaram acessível ao público americano uma boa parte da literatura sociológica européia, principalmente da França e da Alemanha. Assim, as obras de Georg Simmel foram traduzidas antes de 1900 – muitos dos seus ensaios, especialmente sobre a importância do número na vida social e na transmissão da cultura, sobre o problema do segredo e outros foram traduzidos e vários deles publicados na *American Journal of Sociology*. Presumo que eles tenham tido dificuldades para encontrar um número suficiente de artigos de sociólogos americanos e, por isso, fizeram traduções.

Uma das primeiras pessoas a ingressar no corpo de professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago foi William I. Thomas. Mesmo que um aluno não saiba mais nada sobre Thomas, ele provavelmente conhece a frase que o tornou famoso:

“se um homem define uma situação como real, ela se torna real em suas conseqüências”. Esta foi sua primeira elaboração do conceito de “definição de situação” como elemento crucial para a compreensão da sociedade e da ação social. Thomas, Small e outros deram início a um programa de pesquisas. Estudaram as comunidades de imigrantes e a pobreza – principalmente Thomas, que sempre imagino como um homem muito vigoroso, corpulento e dinâmico. Ao lado do polonês Florian Znaniecki, Thomas iniciou uma pesquisa que veio a se tornar um dos primeiros grandes trabalhos de campo publicados: *The Polish Peasant in Europe and America* reuniu um grande número de entrevistas e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e das que haviam emigrado para os Estados Unidos. Foi publicado em cinco grandes volumes que, suponho, algumas pessoas leram. Confesso que nunca os li, ainda que tenha lido outros trabalhos seus.

O Departamento cresceu sob a direção de Thomas e tornou-se muito importante, tendo gerado diversos departamentos. Alunos de Chicago foram para outras universidades americanas, onde instalaram departamentos de sociologia. Em um curto espaço de tempo, essas unidades também estavam formando doutores na disciplina: a *Columbia University*, sob a direção de Franklin Giddings, e, logo depois, Los Angeles, Seattle, Washington e alguns outros centros passaram a desenvolver programas de pesquisa e ensino para sociólogos. Assim, em pouco tempo profissionais dessa área começaram a ocupar o país. Pois bem, o que é que eles faziam e o que caracterizava seu trabalho?

Quanto a isso, eu gostaria de fazer duas distinções. A primeira é sobre o

que se costuma dizer a respeito da Escola de Chicago. A palavra *escola* gera muita confusão, porque é possível distinguir pelos menos dois tipos de escola. Recorro aqui ao trabalho de um estudante da Northwestern University, Samuel Guillemard, que estudou os compositores contemporâneos e fez essa distinção. De um lado, temos as chamadas *escolas de pensamento* e, de outro, as *escolas de atividade*. Uma *escola de pensamento*, na terminologia de Guillemard, consiste em um grupo de pessoas que têm em comum o fato de que outras pessoas consideram seu pensamento semelhante; é possível que nunca tenham se encontrado, mas o que caracteriza uma *escola de pensamento* é que alguém, geralmente muitos anos mais tarde, decide que essas pessoas estavam fazendo a mesma coisa, pensando da mesma maneira, que suas idéias eram semelhantes. É muito comum na história das idéias definir *escolas de pensamento* dessa maneira, frequentemente em relação às circunstâncias históricas em que esse pensamento se formou. Uma *escola de atividade*, por outro lado, consiste em um grupo de pessoas que trabalham em conjunto, não sendo necessário que os membros da *escola de atividade* compartilhem a mesma teoria; eles apenas têm de estar dispostos a trabalhar juntos. Certas idéias vigentes na Universidade de Chicago eram compartilhadas pela maioria das pessoas, mas não por todas; certamente não era preciso que todos concordassem com essas idéias para se engajarem nas atividades que realizavam.

Gostaria agora de introduzir outro importante personagem, Robert E. Park, que era uma pessoa muito interessante. Ele e Thomas foram, sem dúvida, os membros mais influentes e autorizados do grupo que organizou as atividades do Departamento e as manteve de pé.

Park nasceu em Omaha, Nebraska, no centro dos Estados Unidos e fazia parte de uma família de ricos comerciantes. Estudou, se não me engano, na Harvard University e depois foi para Heidelberg, onde estudou com Simmel. Logo nos primeiros anos deste século, voltou de Heidelberg com um doutorado cuja tese era um ensaio sobre as massas e o público como formas diferentes de organizar a sociedade de larga escala. De volta a Harvard, lecionou filosofia durante alguns anos. Todavia, Park parece não ter gostado muito da vida acadêmica, ingressando, então, no jornalismo. Primeiro foi repórter, depois editor de vários jornais americanos, chegando a ser editor chefe do *Free Press* de Detroit, o mais influente jornal da cidade. Trabalhou durante anos nessa profissão, tornando-se, posteriormente, *ghost writer* dos mais famosos líderes negros da época, como Booker T. Washington, famoso educador. Park escreveu ensaios e livros para Washington, inclusive seu livro mais conhecido, *The Man Farthest Down*. Mais tarde, foi secretário executivo da Organização para a Libertação do Congo Belga. Ele teve, pois, uma vida muito ativa e movimentada. Escreveu e publicou alguns ensaios com seu próprio nome, não em revistas de ciências sociais, mas naquelas de opinião que tratavam de questões sociais. Foi desse modo que chamou a atenção de Thomas, que, ao conhecê-lo, sugeriu que ele talvez se interessasse em ensinar sociologia na Universidade de Chicago e lhe ofereceu um cargo por um ano. Há uma história engraçada sobre Park: ele era um homem rico, como já disse, mas se vestia muito mal quando chegou a Chicago. Usava um terno velho e Thomas achou que ele não tinha a aparência adequada para um professor. Assim, Thomas levou Park até a cidade e com-

prou-lhe dois ternos. Park costumava contar essa história como uma piada, dizendo que nunca contou a Thomas que bem poderia ter comprado os ternos com seu próprio dinheiro!

Ao chegar a Chicago, Park mostrou-se uma pessoa muito dinâmica, organizando quase toda a Universidade, pelo menos na área de ciências sociais. Parecia que ele vinha pensando há anos no tipo de trabalho que precisava ser feito. Logo em seus primeiros tempos em Chicago, Park escreveu um ensaio sobre a cidade, encarando-a como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma idéia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo, idéia que resumiu ao dizer: "hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo". Assim, Park organizou seus alunos para esse empreendimento. O ensaio que resultou desse trabalho é muito interessante: consiste em uma série de tópicos, quase todos constituídos de perguntas cujas respostas se desejava conhecer e que só podiam ser encontradas por meio da pesquisa empírica. Cada uma dessas questões poderia, por si mesma, servir de base para toda uma subárea de pesquisa sociológica – aliás, muitas se tornaram exatamente isso. Por exemplo, uma delas, que muito me impressionou, observava que "na cidade, todos os tipos de trabalho tendem a se tornar uma profissão, quer dizer, a ser extremamente organizados, a incluir posições socialmente definidas, a ter regras de conduta que regulam o trabalho nessa ocupação". Park cita especificamente a mendicância como uma forma de trabalho muito organizada nas cidades, resumindo sua posição ao sustentar que "é muito importante e in-

interessante conhecer a maneira como todos os trabalhos são organizados na cidade segundo esse modelo". É claro que, em certo sentido, isso se relaciona com o pensamento de Durkheim exposto em *Da Divisão do Trabalho Social*, e Park tinha consciência dessa ligação.

Sob a orientação de Park, duas ou três gerações de cientistas sociais se formaram e iniciaram sua vida profissional. Ele não teve influência apenas sobre a sociologia: os historiadores, por exemplo, começaram a estudar a história de Chicago; os cientistas políticos, as organizações políticas da cidade e a natureza da máquina política local – um importante estudo sobre os políticos negros em Chicago foi elaborado; os economistas voltaram sua atenção para a economia da cidade. Quando Park chegou, o Departamento era de sociologia e antropologia, de modo que muitos antropólogos de sua geração receberam sua influência, particularmente Robert Redfield, conhecido por seu trabalho sobre a cultura *folk* e as sociedades camponesas. De certa forma, o trabalho de Redfield derivou diretamente da maneira como Park entendia a relação entre a cidade e o campo.

Há uma longa lista de pessoas que estudaram com Park e participaram desse trabalho de pesquisa, e eu gostaria de mencionar algumas delas. Nessa época, eles adicionaram à infra-estrutura institucional da sociologia a *University of Chicago Press*, uma editora que, sob a direção de Park, publicou uma série de estudos na área. Muitos dos ensaios mais interessantes de Park foram publicados como introduções aos livros da série e vários desses livros eram dissertações dos alunos. Destaco, em primeiro lugar, um nome que estou certo ser bem conhecido aqui, o de Donald Pierson, que estudou as relações raciais no Brasil a partir, penso, da

leitura do ensaio de Park sobre o homem marginal. Pierson veio para o Brasil, escreveu um livro muito conhecido e ficou muitos anos orientando pesquisas em São Paulo.

Acredito ser correto afirmar que cada aluno de Park absorveu uma de suas idéias e levou-a adiante. O pensamento de Park sobre as relações sociais foi desenvolvido por autores como Pierson e Wirth, que também se interessou muito pela teoria do urbanismo e pelo estudo das sociedades urbanas. Um dos temas considerados mais importantes naquele tempo era o da delinquência juvenil, que afetava especialmente os filhos dos grupos de imigrantes de Chicago, que não eram criados da maneira que a população dominante da cidade considerava apropriada. Muitos deles praticavam pequenos delitos e isso era tido como um grande problema. A questão era considerada, em parte, como um problema de reforma: o que vamos fazer com essas crianças? De outro lado, era tida como um problema de teoria sociológica. Dizia-se que, se concordarmos que a sociedade é criada por pessoas socializadas e treinadas nas atividades que a farão se mover – esse conhecido processo circular –, então o fracasso da sociedade em socializar adequadamente muitas crianças pode ser um presságio de terríveis problemas que ocorrerão, assim como um índice daqueles que já existem. Alguns alunos de Park, como Frederic Thrascher, puseram-se a estudar essa questão. Thrascher escreveu um livro intitulado *The Gang*, que traz um subtítulo encantador: *A Study of 1,313 Gangs*. Não sei como ele conseguiu contar todas essas gangues!

Dois outros alunos de Park, Clifford Shaw e Henry MacKay, iniciaram uma série de pesquisas de grande porte sobre a delinquência juvenil, cujos tra-

ços centrais eu gostaria de ressaltar. Uma das características do pensamento de Park – e isso se aplica à Escola de Chicago como um todo – era não ser puramente qualitativo ou quantitativo. Park era muito eclético em termos de método. Se achasse que era possível mensurar alguma coisa, ótimo, se não o fosse, ótimo também. Havia ainda outras maneiras de fazer essas pesquisas. Em certo momento, ele defendeu a idéia de que o espaço físico espelhava o espaço social, de modo que se se pudesse medir a distância física entre populações, se saberia algo sobre a distância social entre elas. É uma metáfora interessante, que levou ao desenvolvimento de uma área chamada ecologia, não no sentido que usamos hoje, de preservação do meio ambiente, mas a noção de ecologia na forma usada pela biologia vegetal daquela época, e que se referia à competição pelo espaço. Em outras palavras, os biólogos, que estudavam a biologia no mundo e não em laboratório, estavam muito interessados na concepção darwinista da maneira como diferentes tipos de animais e plantas ocupavam o território, o espaço físico. Park considerou que essa idéia podia ser uma excelente metáfora e mandou seus alunos estudarem o modo como distintos grupos se localizavam na cidade de Chicago. Naquela época, um aspecto típico das pesquisas era a confecção de mapas, onde se situavam os diferentes tipos de população, grupos étnicos, raças, espécies de atividades: em que lugar da cidade, por exemplo, se concentravam as atividades criminosas? Como explicar esse fato?

A partir dessas questões, Park elaborou noções como a de região moral, a área da cidade onde uma população se separava das demais. Uma característica do desenvolvimento das cidades

americanas – creio que as cidades sul-americanas são muito diferentes nesse sentido – sempre foi a ocupação sucessiva de determinadas áreas por diferentes grupos étnicos, de modo que aquela parte da cidade se torna ponto de atração dos grupos étnicos de imigração mais recente. Em uma cidade como Chicago, isso significa que, primeiro vieram os imigrantes irlandeses, depois os suecos, os alemães e os judeus da Europa Oriental. Cada um desses grupos, em épocas distintas, sofria a influência dos acontecimentos em sua terra natal. Houve um certo afluxo de imigração alemã por volta de 1848, quando se agravou a repressão na Rússia – foi aí que chegou uma grande leva de imigrantes judeus; depois foram os italianos, os poloneses etc. E era possível acompanhar essa seqüência por meio dos dados censitários, demonstrando como as características de uma determinada área da cidade mudavam de ano para ano, ou a cada dez anos. Outra pesquisa muito importante foi realizada por Robert Farisson e Warren Danum, que estudaram a incidência e a localização da doença mental na cidade. A pesquisa mostrou que havia um grande número de doentes mentais em determinadas áreas da cidade, embora a população dessas áreas se alterasse de modo significativo.

Outra estratégia de pesquisa, ainda que no contexto de estudos quantitativos, era qualitativa. Muitos alunos de Park passavam um bom tempo fazendo pesquisas de natureza quase antropológica em áreas da cidade, abordando certos fenômenos da mesma. Um dos livros mais famosos nessa linha, ainda hoje publicado e lido, chama-se *The Gold Coast and the Slum*, que analisa uma área próxima ao centro de Chicago onde ficavam as casas mais ricas e alguns dos piores casebres de toda a ci-

dade. Harvey Zorbaugh pesquisou essa área. Aliás, não tenho nenhuma dúvida de que um dos resultados de todo esse movimento é que Chicago passou a ser a cidade mais pesquisada do mundo e provavelmente o será sempre. Por um bom tempo, estudar sociologia nos Estados Unidos era estudar a cidade de Chicago. C. Wright Mills, por exemplo, quando estudante universitário nos anos 30, freqüentou a Universidade do Texas, em Austin. Sua família era de uma pequena cidade texana chamada Waco. Ele nunca tinha saído do Texas e seu biógrafo, Irving Horowitz, procurou investigar os cursos que Mills freqüentou e os livros que leu para esses cursos, descobrindo que o conhecimento de sociologia de Mills – porque seu professor tinha sido aluno de Park – consistia quase inteiramente em estudos sobre Chicago. Foi isso que ele estudou e era isso que todo mundo estudava quando cursava sociologia na época.

Outra vertente explorada em Chicago foi a de psicologia social. O filósofo George Herbert Mead foi aqui muito influente. Mead era um filósofo, não um sociólogo, e um de seus interesses era a relação entre a mente, o *self* e a sociedade, o que, aliás, é o título de seu livro mais conhecido. É preciso alertar a todos que desejam ler esse livro que ele é praticamente ilegível. Foi todo montado a partir de aulas proferidas por Mead porque seus alunos chegaram à conclusão de que ele jamais escreveria o livro. Alguém anotava o que ele dizia e foi desse modo que o livro foi preparado. Lê-lo é mais ou menos como ler um daqueles livros repletos de anotações e comentários feitos por outras pessoas. O aluno mais importante de Mead, que também tinha estudado com Park, foi Herbert Blumer, da mesma geração de Redfield, Wirth e outros. Blumer era um homem forte, jogador pro-

fissional de futebol. Era também uma pessoa muito formal, de modo que era engraçado vê-lo numa segunda-feira, depois de um domingo de futebol, chegar de terno e gravata, cheio de esparadrapos por todos os lados, e dar uma aula formalíssima sobre psicologia social. Blumer é um autor de quem é mais correto se dizer que se tratava de um teórico. Embora tenha feito umas poucas pesquisas empíricas – por exemplo, sobre a influência do cinema nas crianças e na moda, tendo ido a Paris para estudar a indústria da moda –, jamais escreveu muita coisa sobre isso. Blumer, que tinha um evidente interesse em assuntos empíricos, na verdade, só escreveu sobre temas teóricos. Aliás, ele também esteve no Brasil, se não me engano no final dos anos 30, tendo permanecido aqui por cerca de um ano. Não sei bem o que fez, mas conheço o resultado de sua permanência porque muitas pessoas foram para os Estados Unidos estudar com ele. Seu livro foi publicado postumamente em 1988.

Essa geração de cientistas sociais, que incluía Wirth, Redfield, Blumer e outros, incluía igualmente Everett Hughes, meu professor. Também filho de um pastor protestante, Hughes costumava dizer que esse fato tinha sido muito importante em seu desenvolvimento pessoal, pois ser filho de pastor em uma pequena cidade do Centro-Oeste americano, de certo modo o afastava das outras crianças, principalmente porque seus pais se mudavam muito, já que o pastor cuidava de muitas igrejas. Por se tratar de um homem com convicções mais liberais que a maioria da população das cidades onde se instalava, as pessoas vinham fazer confidências ao pastor e as crianças ouviam o que se dizia; daí se davam conta de que nem tudo é como aparece à superfície. Hughes foi para a Universidade

de Chicago e desenvolveu as concepções de Park a respeito das profissões. Sua primeira pesquisa tratou do departamento de terras da cidade, onde se realizavam as transações de compra e venda de terras.

Passo agora a discorrer sobre a história da nova geração da Escola de Chicago. Hughes foi para o Canadá, onde já se encontrava um ex-aluno de Park, Carl Garson, na McGill University. Nessa época, quando os alunos terminavam seus estudos e procuravam emprego, um dos principais professores, como Park ou Burgess, pegava o telefone, ligava para algum lugar e dizia: “nós temos aqui um jovem sociólogo muito bom; acho que vocês deviam contratá-lo”, e ele era contratado. É por isso que sustento que a Universidade de Chicago era, de longe, a instituição mais importante da época, na área de sociologia, nos Estados Unidos. Quer dizer, era a instituição número um, e a número dois ficava muito atrás. Vocês podem imaginar como essa situação causava ressentimentos nos outros programas, que também formavam doutores, de modo que isso só durou até o final da Segunda Guerra Mundial. Hughes foi para o Canadá e, de certo modo, fez o que Park tinha feito. Em pouquíssimo tempo, elaborou um esquema de pesquisas sobre o Canadá francês que ainda está sendo desenvolvido. Até hoje, as pessoas executam as pesquisas que Hughes achava que deveriam ser feitas: estudos sobre a distribuição da população, estudos de comunidade, estudos sobre várias profissões, sobre a organização política e econômica do Canadá francês etc. Ele mesmo escreveu um importante livro – a meu ver, um estudo de comunidade clássico –, intitulado *French Canada and Transition*. Publicado em 1943, ainda está à venda e é muito lido – muitos dos meus

alunos o leram. Esse pequeno livro trata de um grande número de temas, entre os quais a estrutura econômica e a distribuição ocupacional dos franceses e ingleses nos diversos tipos de emprego no Québec; além disso, estuda a cidade que Hughes denominou Cartonville, uma pequena cidade em vias de industrialização. O livro é também um dos grandes trabalhos sobre o processo de industrialização, sobre o que acontece quando se instala uma grande fábrica bem no meio de uma antiga comunidade tradicional, uma espécie de pequeno centro regional, que tem seus próprios líderes etc., e que passa a ter uma fábrica atraindo as pessoas do campo para trabalhar na cidade, em que os gerentes franceses deslocam a elite francesa da cidadezinha e tudo o mais. É um estudo notável! Trata das conseqüências políticas desses fatos, dos movimentos políticos no Québec e de como estes são alimentados por esse tipo de progresso; trata da religião, do papel da Igreja Católica na província e nas cidades desse tipo, e trata de muito mais.

No final dos anos 30, muito tempo depois da saída de Thomas da Universidade, em 1919, Park se aposentou, aliás de modo muito curioso. Eu já tinha dito a vocês que Park era um homem muito dinâmico. Certo dia, os cidadãos de Chicago abriram o jornal e se depa-raram com a notícia de que um professor da Universidade de Chicago tinha sido preso com uma prostituta. Park estava fazendo uma pesquisa com jovens prostitutas, moças que viajavam pelas estradas ou iam de cidade em cidade, onde quer que houvesse um acampamento de soldados para exercer o ofício da prostituição. Park estava entrevistando uma dessas moças dentro de um quarto de hotel quando a polícia o descobriu. Ele já tinha arrumado outros problemas e então a Universidade

achou conveniente pedir que se aposentasse. Essa história, porém, tem um final feliz, porque Park era muito criativo: inventou um novo tipo de bola de golfe que todo mundo adotou, fazendo com que ele ganhasse muito dinheiro. Não tenho provas concretas dessa história, mas Everett Hughes a contou para mim com grande convicção, e sempre acreditei nela. Periodicamente, Park aparecia na Universidade de Chicago; não ia ao campus, mas ficava pelas redondezas, e as pessoas faziam seminários secretos com ele. Park aposentou-se e se transferiu para a Fisk University em Nashville, que era uma universidade para negros, tendo aí permanecido por muitos anos.

Como eu dizia, a nova geração de alunos de Park constituiu o corpo docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago: Hughes, Blumer, Wirth e Redfield, que estava na antropologia, além de outros. Depois da Segunda Guerra, eles formaram uma outra geração. Mas Chicago não era uma instituição totalmente fechada: o Departamento trouxe pessoas de fora, entre elas William Ogburn, conhecido por seu livro sobre mudança social. Ogburn era um homem muito alto, um sulista muito sério, um *gentleman*. Tinha uma fé quase religiosa na ciência e na ciência quantitativa. Por isso, é surpreendente saber que ele foi o primeiro presidente do Instituto Psicanalítico de Chicago.

Falarei agora das minhas impressões acerca da vida intelectual na Universidade de Chicago naquele tempo. Quando cheguei à Universidade, depois da Segunda Guerra Mundial, o lugar tinha mudado muito desde a última geração de estudantes. Um dos aspectos dessa transformação é que após a guerra homens que tinham estado no Exército puderam freqüentar a Univer-

sidade, uma vez que o governo pagava seus estudos e sua manutenção. Muitas pessoas de classe baixa, que nunca teriam conseguido entrar em uma universidade, ingressaram e concluíram a graduação. Muita gente passou a freqüentar o *college* ou a graduação naquele momento. Quando entrei para o Departamento de Sociologia, como aluno de graduação, havia muitos estudantes, uns duzentos alunos. Imaginem só, apenas dez professores e duzentos alunos! A conseqüência disso foi muito boa: embora influenciados pelos professores, acabávamos ensinando uns aos outros. Na minha geração, muita gente se tornou famosa. O mais conhecido de todos vocês – assim imagino pois isso acontece em muitos outros lugares no mundo – é Erving Goffman, que veio do Canadá em virtude, indiretamente, dos contatos de Hughes. Outro que integrava o corpo docente na época, na antropologia e na sociologia ao mesmo tempo, era o antropólogo W. Lloyd Warner, que se formara em antropologia em Harvard e realizara uma pesquisa etnológica clássica sobre um grupo de aborígenes, os Murngin, que deu origem a um importante estudo sobre parentesco. De volta aos Estados Unidos, em vez de prosseguir nessa mesma linha de trabalho, Warner dedicou-se a pesquisar, de uma perspectiva antropológica, as sociedades modernas. Escolheu uma pequena cidade perto de Boston, chamada Newburyport, e, junto com um grupo grande de alunos, estudou-a durante alguns anos. Na década de 50, havia um romance muito popular, de um escritor norte-americano chamado John Marquand, cujo título era *Point of No Return*. Neste romance, Marquand, que nasceu em Newburyport, fala de um antropólogo que chegou para estudar a cidade. O antropólogo é retratado de maneira muito

crítica porque se, de um lado, Marquand parece admirá-lo, por outro, detesta sua visão científica, distanciada, da cidade. O trabalho de Warner resultou em uma obra intitulada *Yankee City*, na verdade uma série que teve cinco ou seis volumes publicados. Outros pesquisadores que trabalhavam com Warner realizaram estudos de comunidade em Natchez, no Mississippi, uma comunidade muito antiga, conservadora, reacionária, onde as relações entre negros e brancos eram as piores de todo o país. A pesquisa foi publicada com o título de *Deep South*. Outros alunos de Warner estudaram a comunidade negra de Chicago, principalmente St. Clair Drake e Horace Cayton, que escreveram um livro intitulado *Black Metropolis*. A influência desses estudos foi expressiva.

Embora muitos de nós, alunos de Hughes, Blumer, Warner, pensássemos que não tínhamos nada a ver com as pessoas de nossa geração que faziam sociologia quantitativa em Chicago, mais tarde, depois que saímos da Universidade, demo-nos conta de que éramos mais parecidos com eles do que com os outros que tinham ido para Columbia, Michigan ou Harvard. Achávamos que, de alguma maneira, éramos diferentes. Vejamos, então, em poucas palavras, o que me parece ser esse nosso modo de pensar. A noção de *interação simbólica* pode dar conta do que quero dizer, exceto pelo fato de que a expressão tem muitos significados diferentes, uma série de nuanças que podem enganar. Uma das idéias certamente predominantes referia-se à oposição a noções como as de *organização social* e *estrutura social*, muito comuns no pensamento dos egressos de Harvard ou Columbia, entre os alunos de Robert Merton, Talcott Parsons, bem como no pensamento de certos antro-

pólogos ingleses, que usavam a metáfora da estrutura social de modo excessivamente reificado. Penso que para nós, ao contrário, uma das idéias mais importantes era a de que a organização social consiste apenas em pessoas que fazem as mesmas coisas juntas, de maneira muito semelhante, durante muito tempo. Ou seja, para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum – exemplificando com um tema antropológico, para constituir uma família, para criar um sistema de parentesco. Disso decorre que um sistema de parentesco é formado pelas ações de pessoas que fazem as coisas que se supõe que parentes devam fazer, e que, enquanto o fizerem, teremos um sistema de parentesco. Quando não o fizerem mais, o sistema de parentesco se torna outra coisa. Portanto, o que nos interessava eram os modos de interação, especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos dia após dia, semana após semana. Às vezes, esses modos de agir se alteram substancialmente, devido a uma revolução ou desastre natural, mas, outras vezes, a mudança se dá muito lentamente, à medida que as circunstâncias se modificam.

Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos. Não havia nada demais nisso, tudo isso me parece puro bom senso, mas muitas pessoas tinham uma espécie de apego religioso a métodos de pesquisa. Entendíamos também, devido à circunstância da maior parte das pesquisas ter sido realizada em Chicago, que era fundamental compreender

o contexto em que se davam os fatos estudados. Porque quando fizemos nossas pesquisas de doutorado, era natural que as fizéssemos em Chicago, e assim já dispúnhamos de uma enorme quantidade de informações reunidas e publicadas sobre a cidade. Um exemplo muito simples e muito engraçado: durante muito tempo, a cada dez anos após a realização de recenseamentos, o Departamento de Sociologia publicava o que se chamava de *Local Community Fact Book*. Neste livro, que cobria todas as comunidades da cidade de Chicago conforme definidas pelo censo, cada comunidade recebia duas páginas de informações básicas extraídas das estatísticas censitárias, incluindo temas como delinquência juvenil, criminalidade, estatísticas sanitárias, tudo o que se podia saber a respeito de uma determinada área. De modo que quando se estudava uma área em particular, bastava pegar o livro e, com dados dos últimos quarenta anos, dispor de uma visão histórica e estatística de tudo o que se passara naquela região. Também constavam informações sobre etnicidade. Era um recurso fantástico, mas nunca me ocorreu que essa informação não existisse para todas as cidades, apenas para Chicago. Assim, quando me mudei para São Francisco para fazer pesquisas e quis começar um trabalho, perguntei, candidamente, onde estava o "*community fact book*" de São Francisco: "não temos esse livro aqui, só em Chicago", me responderam. Bem, não se tratava apenas dos dados estatísticos das comunidades, era todo um enorme arsenal de dados de pesquisa que podia servir de base para conferir uma dimensão histórica ao nosso trabalho.

Mais recentemente, esse fato gerou uma conseqüência muito interessante. Um jovem pesquisador interessado em sociologia industrial, Michael Burawoy,

foi estudar uma fábrica em Chicago. Encontrou a fábrica, começou a estudá-la, a entrevistar pessoas e arranjou um emprego. Algumas coisas nessa fábrica lhe pareciam muito familiares, ele sentia que conhecia a disposição física das coisas na fábrica, como se estivesse tendo uma espécie de experiência mística. Como podia ser isso? Foi então que se deu conta que alguns anos antes lera a tese de um aluno de Hughes da década de 40, Donald Roy, que havia escrito um importante trabalho sobre a redução da produção em fábricas, sobre como os operários colaboravam a fim de obter controle sobre o sistema de incentivos praticado pelos empresários. Burawoy procurou a tese de Roy e percebeu que a fábrica era a mesma que ele estava estudando, quarenta anos depois. Ele então procurou Roy, que não havia revelado o nome da fábrica, e perguntou: "a fábrica que você estudou tinha tais e tais características?" "Mas é claro!", respondeu Roy. Desse modo, Burawoy teve uma excelente oportunidade de dar uma dimensão histórica ao seu trabalho, com informações que eram efetivamente de cunho sociológico porque a parte histórica fora realizada por um sociólogo, o que lhe permitiu obter uma visão comparativa de dois momentos no tempo.

Outro fato importante é que, terminada a Segunda Guerra Mundial, a Escola de Chicago, de certo modo, deixou Chicago; o próprio Departamento voltou-se, como instituição, para uma perspectiva mais ligada ao *survey* e à pesquisa quantitativa, tornando-se menos aberto a estudos com abordagem antropológica. No entanto, autores como Goffman, eu mesmo, Eliot Freidson e vários dos alunos de Hughes, Warner e Blumer saímos para outros centros no país e começamos a ensinar. De modo que em determinado momento as pes-

soas começaram a dizer: não, a Escola de Chicago não está em Chicago, mas na Califórnia; ou então, ela está em Chicago, mas não na Universidade de Chicago e sim na Northwestern University, do outro lado da cidade. Nesse sentido, a Escola tornou-se uma espécie de perspectiva ou opinião global, e eu não sei muito bem se seria honroso chamar essa perspectiva de teoria, ou se seria

embaraçoso considerá-la assim, porque na verdade ela é um modo de pensar, uma maneira de abordar problemas de pesquisa que estão muito vivos e presentes em boa parte do trabalho feito hoje em dia.

Gostaria de terminar com um último comentário: antropologicamente falando, descrevi minha linhagem na seguinte ordem: Simmel, Park, Hughes, Becker. Muito obrigado.

Tradução: Vera Pereira

Revisão do autor

## Nota

\* Ao revisar a transcrição de sua conferência, Howard Becker sugeriu, em benefício do leitor interessado, a menção de dois textos que tratam do tema aqui abordado: Herbert Blumer, *Industrialization as an Agent of Social Change: A Critical Analysis* (edição e introdução de David R. Maines e Thomas J. Morrione), New York, A. de Gruyter, 1990; e Jean-Michel Chapoulie, "Everett Hughes and the Chicago Tradition", *Sociological Theory*, 14(1):3-29, 1996.